

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Mariah de Oliveira Lima**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:**  
**Minha vida com a Pedagogia**

**Taubaté – SP**  
**2022**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
Minha vida com a Pedagogia**

**Taubaté – SP  
2022**

**Mariah de Oliveira Lima**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
Minha vida com a Pedagogia**

Memorial apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

**Taubaté – SP  
2022**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi  
Universidade de Taubaté - UNITAU**

L732m Lima, Mariah de Oliveira  
Memorial de formação : minha vida com a Pedagogia / Mariah  
de Oliveira Lima. -- 2022.  
32 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Pedagogia, 2022.  
Orientação: Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco,  
Departamento de Pedagogia.

1. Memorial. 2. Professores - Formação. 3. Avaliação escolar.  
4. Educação de alunos surdos. I. Universidade de Taubaté.  
Departamento de Pedagogia. Curso de Pedagogia. II. Título.

CDD – 370

**Mariah de Oliveira Lima**

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO:  
Minha vida com a Pedagogia**

Memorial apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

Examinadores:

Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco      Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Odila Amélia Veiga      Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Ma. Cássia Elisa Lopes Capostagno      Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à minha  
família e meus futuros alunos

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Ana Valéria de Oliveira e Jackson do Nascimento Lima, que me incentivaram nos momentos difíceis e celebraram os felizes. Sou grata pelos valores, pela educação e pelo amor que sempre me dedicaram, sem os quais eu não seria quem sou hoje.

A toda minha família materna que sempre me apoiou e compreendeu a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho: minha avó (Cida), tia-avó (Teresa), tios e tias tão queridos e aos meus amados primos (Ana Julia, Marcus Vinicius, Camilly e João Pedro). Apesar de certa distância, também agradeço à minha família paterna.

Meus agradecimentos aos amigos Raquel, Claudinei e Kathleen, pela amizade incondicional, por não me deixarem desistir nos tropeços ou queda e por terem ajudado a me levantar e continuar tentando, quando necessário.

À minha querida orientadora Profa. Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco, dispenso cumprimentos especiais por sua disposição e empenho em suas aulas e durante a elaboração deste Memorial, assim como às queridas professoras que formaram minha banca: Profa. Ma. Cássia Elisa Lopes Capostagno e Profa. Dra. Odila Amélia Veiga, grandes exemplos de educadoras.

A todos os professores que participaram de minha formação desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, em especial aos queridos professores da graduação. Obrigada por todas as reflexões, discussões, ações e atitudes, que me formaram. Seus ensinamentos e conselhos sempre me acompanharão!

Não poderia me esquecer dos colegas, amigos e encarregados que participaram de minha vida em outros momentos. Mesmo que nossa relação tenha sido breve, as lembranças me invadem sempre que vejo alguns objetos da época ou relacionados.

## **RESUMO**

Este Memorial retrata minha trajetória acadêmica e pessoal da Educação Básica ao Ensino Superior. No processo de resgate das vivências para o Memorial foi possível compreender como a Pedagogia esteve presente em diversos momentos da minha vida. Nele, relato minha experiência de ser filha única; a importância do apoio e incentivo familiar no processo educacional; como lidei com episódios de racismo e preconceito. Abordo ainda, três disciplinas da faculdade com as quais tive mais afinidade e também a minha visão sobre Educação Especial das pessoas surdas na modalidade Bilíngue, que possibilita benefícios sociais e linguísticos tanto aos alunos surdos quanto aos ouvintes. Este trabalho destaca momentos que foram fundamentais para a minha formação como Pedagoga.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESENVOLVIMENTO	10
2.1 Formação Pessoal e Educacional – Educação Básica	10
2.2 Formação Pessoal e Educacional – Ensino Superior e Estágio Supervisionado	22
2.3 Meus interesses pela Educação Especial	27
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
4 REFERÊNCIAS	31

## 1. INTRODUÇÃO

A sociedade é formada por indivíduos e, estes, por vivências e experiências, que edificaram e modificaram suas ações, reações e pensamento crítico-reflexivo. As decisões que cada uma dessas pessoas toma impactam, direta ou indiretamente, no curso que a humanidade segue.

Ao escrever este memorial, fui tomada por diversas lembranças da minha infância, que, devido à pressão e agitação da vida adulta, estavam “esquecidas” nas profundezas de minha mente. É muito bom lembrar uma época em que as preocupações principais eram estudar, tirar boas notas e sair com a família. A minha rotina atual, que envolve acordar cedo para ir trabalhar, me preocupar se as minhas ações no ambiente escolar estão contribuindo positivamente para a educação dos alunos, estudar os conteúdos da faculdade, estar presente e cuidar da minha família, assim como de minha saúde física e mental, pagar contas, entre outros, não me permite entrar em contato com as lembranças da minha infância e adolescência com frequência.

Este Memorial relata como minhas experiências, vivências e relações me levaram a escolher o curso de Pedagogia e como a faculdade atuou na minha formação profissional e provocou uma mudança paradigmática na esfera social, como indivíduo participante da sociedade.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Formação Pessoal e Educacional – Educação Básica**

Apesar de ter passado meus primeiros 4 anos de vida na cidade de Tremembé, nasci em Taubaté no dia 25 de maio de 2001. Meus pais são Ana Valéria de Oliveira e Jackson do Nascimento Lima. As memórias sobre meu primeiro lar, em Tremembé, já não são mais acessíveis, mas, desde a construção até os dias atuais, me lembro de muitos momentos e situações que aconteceram enquanto vivia em meu segundo lar, em Taubaté, onde tive a alegria de ter a presença das minhas cachorras. E estas foram as experiências que me tornaram quem eu sou e me impulsionaram a ser uma Pedagoga.

O início da minha vida escolar foi, de certa maneira, agitado, pois estudei em quatro creches diferentes, por não me adaptar ao ambiente escolar e por ter mudado de residência. Apesar de a Lei nº 12.796, 4 de abril de 2013, que torna obrigatória a matrícula de crianças nas escolas a partir dos quatro anos, só ter sido promulgada em 2013, frequentei o ambiente escolar desde a primeira infância, pois a jornada de trabalho dos meus pais era integral. Em muitas ocasiões, a diretora da creche me fazia companhia até que meu pai fosse me buscar, mesmo depois do horário limite. Ela foi responsável pelo primeiro marco positivo sobre a pedagogia em minha vida. A gentileza, a ternura e a atenção com que me tratava quando estava ansiosa para ir embora, estão marcadas em minha memória com muito carinho.

Meus pais sempre apoiaram e incentivaram muito a minha educação e, por esse motivo, minha mãe lutou para que eu fosse transferida para uma outra instituição. A transferência direta me encaminharia para uma outra escola municipal, localizada no mesmo bairro do meu domicílio, mas minha mãe não acreditava que aquela instituição era a opção de melhor qualidade para a minha educação. Então, depois de pesquisar e conversar com alguns conhecidos, ela conseguiu minha transferência para a escola localizada no bairro Santa Luzia fora autorizada, trazendo certo alívio à minha mãe. Esta decisão e as ações que ela realizou para defender a qualidade de minha educação também marcaram minha memória e seu apoio foi fundamental para meu apreço por aprender, pois fizeram me sentir protegida e amparada.

Considerando que ingressei na nova escola aos seis anos de idade, momento em que houve uma quebra entre a infância (regida por brincadeiras e diversão) e o estudar com conteúdos e avaliações, tive muitas experiências felizes na minha primeira infância. Mesmo brincando muito com meus colegas, meus momentos favoritos eram os encontros de família que aconteciam na casa da minha avó materna, Benedita Aparecida de Oliveira. Sendo filha única, era um pouco solitário brincar sozinha em casa, por isso valorizava tanto os momentos alegres que compartilhava com meus primos.

No início éramos apenas três: minha prima mais velha, Ana Julia Sá de Oliveira e o primo que nasceu um ano depois de mim, Marcus Vinícius de Oliveira. A diversão era tanta que meus tios e minha avó ainda se lembram de como corríamos pela casa enquanto brincávamos de pega-pega, esconde-esconde, cabaninha, caça tesouros (o que sempre enlouquecia minha avó por escondermos os objetos em suas plantas, que eventualmente acabavam perdendo algumas folhas). Em 2006 nasceu minha outra prima, irmã de Ana Julia, Camilly Sá de Oliveira, por quem nutrimos certa inveja por um tempo porque atraiu toda a atenção dos adultos. Em 2009 chegou o primo caçula da família, João Pedro de Oliveira, que também virou o centro das atenções por algum tempo. Tudo mudou quando os dois mais novos nasceram e, depois que nos acostumamos com suas presenças e com a atenção e cuidado que eles demandavam, nos tornamos um grupo unido.

Também tenho muito carinho pelos meus primos paternos, Jefferson Leonardo, Jonathan e Jennifer e a priminha Maria Eduarda, nascida em 2018. Com esses primos, compartilho as memórias de quando visitavam a casa de nossa avó, Maria José do Nascimento, e assistíamos ao desenho animado da Disney “O Cão e a Raposa” em fita cassete. Os adultos ficavam na garagem conversando e nós brincávamos do que quer que nossa imaginação pudesse criar na hora, pelo menos até que alguém viesse checar se estava tudo bem e nós nos sentávamos rapidamente no tapete e fingíamos estar calmamente assistindo filme.

Tenho muito carinho por essas memórias, pois foi quando primeiro aprendi a me socializar com crianças da minha idade; a entender a relação entre regras, escolhas e consequências; a cuidar do meu corpo (principalmente quando me machucava, aprendendo com a experiência) e a cuidar do corpo dos meus primos, pois se os empurrasse com muita força, poderia machucá-los, assim como a compreender melhor a cumplicidade que havia entre nós:

se uma prima queria dormir na casa da outra, nos uníamos com um plano para pedir aos pais que autorizassem; quando uma machucava a outra sem querer, não contávamos aos nossos pais o verdadeiro motivo do joelho ralado quando vinham nos ajudar ao escutar nosso choro, apenas para proteger um ao outro.

Esses valores emprego em minha atuação como docente em relação aos alunos, aos colegas de profissão e ao interagir com as pessoas no meio social, considerando que, às vezes, há uma motivação para uma atitude grosseira ou a guarda de um segredo e que a empatia nos leva a tentar ajudar ao invés de julgar e recriminar o outro.

Em todos esses momentos a Pedagogia esteve em minha vida, mesmo que de forma velada e eu não soubesse disso naquela época.

Pesquisas anteriores estabeleceram que, em primeiro lugar, a criança se torna capaz de subordinar seu comportamento às regras de uma brincadeira de grupo, e que somente mais tarde surge a autorregulação voluntária do comportamento como uma função interna (VYGOSTKY, 1991, p. 60).

E foi com a bagagem de todos estes momentos que, em 2008, ingressei na E.M.E.F. Diácono José Angelo Victal, escola em que cursei a primeira etapa da segunda fase da Educação Básica, Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Como mencionei antes, logo no início das aulas percebi uma ruptura drástica entre a rotina e as práticas da creche para as da escola de ensino fundamental, o que fez com que me sentisse deslocada e perdida. O que quero dizer é que todas as ações educativas visam comportamentos homogêneos e não havia muitos momentos livres para que pudesse me expressar. O momento do “recreio” era tão curto que mal dava para comer e ir ao banheiro, quando mais para brincar.

Nas aulas de Educação Física, a professora ensinava alguns jogos básicos com bola (futebol e queimada), dividindo a sala em meninos e meninas. Às vezes, ela percebia que estávamos saturados das aulas e nos deixava pular corda, brincar de amarelinha e rodar o bambolê. Então, além das aulas essencialmente conteudistas, não haviam práticas que considerassem o brincar como um momento importante para o aprendizado e o desenvolvimento.

Vemos o profissional de Educação Física Escolar atuante nas escolas, refém de uma cultura esportivista, não entendendo a Educação Física como uma disciplina que atende ao desenvolvimento completo do indivíduo, tanto motor, como cognitivo e afetivo-social (MAGALHÃES; KOBAL; GODOY, 2007, p.47).

O desenvolvimento destes três aspectos pode ser observado claramente na fase em que os alunos estão aprendendo a escrever seus nomes, mesmo que a musculatura da mão já esteja fortalecida pela produção de desenhos, os alunos precisam desenvolver outro controle para conseguir traçar as letras. “[...] a representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente, à linguagem escrita” (VYGOSTKY, 1991, p. 60).

Nos cinco anos que estudei na E.M.E.F. Diácono José Angelo Victal aconteceram algumas situações, momentos e experiências que estão talhadas em minha mente e ainda influenciam meu julgamento. Como era uma criança tímida, não fazia amizades facilmente. A discriminação racial que sofri feriu ainda mais minhas habilidades sociais. Alguns colegas me tratavam apenas por “bruxa”, motivados pela minha pele negra, cabelos cacheados e desgrenhados e nariz marcado. Apesar de incomodar muito, não denunciei esse “apelido” para a professora ou meus pais, pois era usado esporadicamente até o dia que estavam apenas os alunos na sala e todos se uniram para me atacar com essa palavra e outros adjetivos como “feia” e “gorda”. A primeira atitude que tive foi a de apoiar a cabeça na carteira e chorar pela situação vergonhosa, me sentindo impotente e sozinha, só fui capaz de contar para minha mãe mais tarde depois de muita insistência da parte dela. Sabendo do acontecido, ela decidiu contatar a escola através de um bilhete na agenda, o que resultou numa conversa da professora com os alunos da turma deixando claro que a escola não aceitava esse tipo de comportamento, além de a professora ficar em alerta para possíveis outras falas preconceituosas.

Ainda houve mais duas ocorrências de semelhante teor. Uma enquanto esperava na fila para pegar a merenda e cumprimentei duas colegas de turma, que eu considerava como amigas. Apesar de não me lembrar com clareza do momento, a fala “É assim mesmo”, se referindo ao meu cabelo, foi marcante. Novamente a escola foi acionada e a postura da diretora foi exemplar: solicitou a presença dessas colegas em sua sala e conversou pontualmente com elas sobre seu comentário maldoso; os pais delas também foram chamados para conversar. Ainda nesta mesma escola, durante o 4º ano do Ensino Fundamental, outros dois colegas perguntaram algumas

vezes “Você caiu no petróleo? Por que sua pele é preta?”. Outro momento que exigiu o envolvimento da equipe gestora, que novamente teve uma fala muito pontual, tanto com os alunos quanto com seus pais, sobre o preconceito racial na escola.

O impacto psicológico nesse período de adolescência afetou minha autoestima e autonomia emocional são tratados até os dias atuais com a ajuda de um terapeuta. O que quero dizer é que onde estava a escola para educar seus alunos nas questões do desenvolvimento biológico do adolescente que não chegou a suprir tais dúvidas, que foram direcionadas para degradar uma aluna? Houve um descuido no planejamento que não as considerou ou o currículo deveria ser revisado, a fim de abordar tal aspecto? Essa falha me causou muita ansiedade, insegurança e desvalorização de meu próprio corpo (uma vez que acreditei nos comentários de meus colegas sobre minha aparência).

No decorrer da vida acadêmica, houve vários outros comentários e suposições sobre as diferenças do corpo de uma jovem negra para outra branca. Fui até questionada sobre uma hipótese relacionada à tonalidade da minha pele na região íntima. Mesmo agora na vida adulta percebo que, em muitos momentos, não sei aceitar elogios, não gosto do que vejo no espelho, evito construir uma relação estável por medo de ser atacada de novo, além de instintivamente me defender de algumas orientações que poderiam ser construtivas. Foram anos para aprender a gostar do meu corpo, a cuidar do meu cabelo e a ter orgulho das heranças fisiológicas que herdei e, durante todo esse tempo, afastei muitas amizades por medo da decepção e da traição de confiança.

As experiências vividas acompanham as pessoas em todo e qualquer lugar e, considerando que a Educação Básica envolve catorze anos da vida dos jovens, é uma responsabilidade das escolas preparar o ambiente, os professores e os gestores para que as intervenções possam resolver as situações de preconceito, racismo, *bullying* e discriminação, buscando desenvolver a empatia.

Os estudos sobre preconceito racial são, em sua maioria, traçando linhas históricas e penais dessa realidade no país, tendo ações aplicadas nas escolas apenas em datas isoladas no que se refere à visibilidade negra. Percebe-se a falta de propostas de intervenções que abordem a promoção da educação empática com foco no combate ao preconceito racial e racismo, principalmente na infância (SILVA et al., 2017, p. 2-3).

Apesar destes acontecimentos desagradáveis, minha relação com a aprendizagem foi um sucesso, não considerado apenas as notas descritas nos boletins, mas também o gosto por aprender, apesar de não ficar muito feliz por ter que acordar cedo. Naquela época não julgava que era esperta, nem mesmo que gostava de estudar, mas percebo atualmente que tinha certa facilidade em aprender as matérias e conteúdos trabalhados apenas pela atenção e observação durante as aulas. Registrava no caderno por exigência dos professores, mas era na explanação que me apropriava dos conhecimentos. Lembro-me de professores que lecionaram para as minhas turmas com muita alegria, alguns deles ainda me reconhecem quando nos encontramos por acaso. Cada um é lembrado por motivos diferentes (ternura na fala, exigência de pontualidade, piadas sem graça, sorriso, tato ao fazer uma correção etc.), mas todos contribuíram significativamente para minha formação básica.

A formação de professores é um processo longo, que conta com conhecimentos e habilidade, além de todas as experiências, vivências e aprendizagens que acontecem tanto no ambiente profissional quanto no pessoal. Os princípios e os valores que os professores adotam e agregam são refletidos em suas aulas.

Considerar que um bom professor é aquele que sabe os conteúdos de uma certa disciplina e comparece as aulas apenas para explicá-los e avaliar se seus alunos os compreenderam significa desvalorizar a história, a cultura e o ser social desse professor, limitando suas ações pedagógicas e prejudicando a educação de seus alunos. O respeito, a atenção, a dedicação e o esforço que acontecem antes, na preparação de sequências didáticas e planos de aulas, durante, nas metodologias e olhar crítico no ambiente didático, e depois, ao revisar os resultados das aulas dadas e se reorganizar para adaptar as futuras, são as qualidades que o tornam, verdadeiramente, um professor, nas práxis, por proporcionar caminhos às suas intencionalidades. (FRANCO, 2016)

Os conhecimentos acadêmicos e o certificado de conclusão de curso podem licenciar o pedagogo, mas é apenas com a combinação de seus saberes acadêmicos e os conhecimentos pessoais que um professor pode provocar desenvolvimento em seus alunos.

No ano de 2012 ingressei na E.M.E.F.M. Prof. José Ezequiel de Souza, para cursar o Ensino Fundamental-Anos Finais. Lembro de me sentir como num labirinto no primeiro dia: a escola era grande e os alunos mais velhos andavam de um lado para o outro como num formigueiro. O nervosismo e a ansiedade por iniciar outra parte da minha vida me consumiam tanto que demorei a encontrar minha sala. E o fato de estar com a maioria dos mesmos colegas do ano anterior, não me fez sentir mais confortável para encarar diferentes professores por matéria ou ter uma rotina mais exigente. Era uma realidade tão diferente da que estava acostumada que me assustou, sem falar na pressão em relação às notas, e não as atividades avaliativas de fato, que propiciassem o desenvolvimento integral.

Mais uma vez, com o apoio de minha família, pude encontrar meu caminho e continuar com a alegria de aprender; foi muito importante nossos encontros de domingo e os churrascos na casa da minha avó, eram como uma recarga de energia positiva. E, mesmo recarregada, era muito difícil controlar o temor do fracasso; o medo de ter uma nota baixa, e que eu poderia decepcionar meus pais.

Fico feliz em registrar nesse trabalho que foi nessa fase que conheci uma amiga muito querida e especial, Raquel de Jesus Pinto de Faria Santos. Apesar de fazermos parte de um grupo com outras três amigas, apenas com ela a relação continuou com o passar dos anos. Nós estudamos juntas durante quatro anos, mas, mesmo a passagem para o Ensino Médio, em que cada uma foi para uma escola diferente, que não foi suficiente para separar nossa amizade. Costumávamos estudar juntas em sala e também fazer tarefas e trabalhos, além de dividirmos nosso lanche durante o intervalo.



Foto da Turma 9º ano C – Dezembro de 2015

A avaliação é o temor de muitos alunos durante sua vida escolar. As escolas, desde o Ensino Fundamental, realizam o que se denomina “avaliação quantitativa”: utiliza-se de provas para medir o aprendizado de seus alunos.

Segundo Hadji (2001, p. 27) “medir significa atribuir um número a um acontecimento ou objeto, de acordo com uma regra logicamente aceitável. Por esse motivo os alunos costumam, ao se dedicarem ao estudo das matérias escolares, memorizar os fatos, datas, acontecimentos e fórmulas. Essa metodologia de estudo não é eficaz, pois, memorizar os conhecimentos apenas para ter um bom desempenho nas provas, não garante que eles foram compreendidos e apropriados, o que resulta em um déficit de aprendizado, assim como em hábitos inadequados de estudo. Em relação às provas, só elas são insuficientes, pois não consideram outros instrumentos e conhecimentos a serem avaliados.

Uma opção seria a avaliação qualitativa. Demo (2004) declara:

A avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que no espaço educativo os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis (DEMO, 2004 p. 156)

Também no início de 2012 iniciei o curso de fluência na Língua Inglesa pela FISK de Taubaté. Foram sete anos aprendendo sobre a cultura norte-americana, seus costumes e valores, assim como ler, escrever, compreender e falar com fluência nesse idioma global. No início fiquei extremamente nervosa, realmente estava fora da minha zona de conforto com pessoas que não conhecia para aprender uma língua que não era minha. Não posso deixar de registrar o fato de que não gostei das aulas por um mês, sentia que jamais aprenderia, mas, depois, percebi que durante toda a duração do curso, os *Teachers* (Professores) e suas metodologias no ambiente didático eram cativantes e apoiadores. Conforme avancei, participei de diferentes turmas com diferentes colegas e desafios, que foram superados gerando satisfação por aprender uma língua estrangeira e ansiedade por aprender outras.

A descoberta dessa outra paixão se deveu a minha mãe, que fez questão de procurar uma boa escola, bancar meus estudos e incentivar esse novo desafio, apesar de também não conhecer a língua, e sempre lhe serei grata por isso. Também tive o prazer de estudar por um período

com minha prima de terceiro grau Ana Júlia, com quem tenho uma conexão especial desde a primeira infância e de construir amizades que duram até os dias atuais como, por exemplo, Beatriz dos Santos Correa e um querido professor:

O que falar de uma pessoa que é cativante e reluzente, não é?! É o tipo de pessoa que tu precisas conhecer para crer que existe alguém tão prestativa e feliz da vida. Muito feliz de ter participado desse seu projeto que é a vida em alguns momentos importantes. Você merece muita luz e o mundo cheio de oportunidades. Há quase dez anos, nos tempos do FISK, estávamos sentados um de frente para o outro em funções “opostas”, mas que são tão iguais, aluna e professor, quem diria que agora tu estarias subindo um dos primeiros degraus mais especiais da sua vida de docência?! Voa, mas voa alto porque a vista que o destino tem reservado para ti é sem limites, ela fica além do horizonte... Espero também estar lá contemplando a vista contigo!

Professor Claudinei Junior Lopes



Evento Portas Abertas (finalização do curso) – Novembro de 2018

Segundo Teodoro e Araújo (2019, p 22): “Contrariando o senso comum, a aquisição de um segundo idioma no processo de aquisição da linguagem é benéfica para o desenvolvimento cognitivo, pessoal e social da criança.”. E posso garantir que as lembranças e conhecimentos que adquiri durante meus anos de estudo na FISK sempre me acompanharão.

Ao finalizar a fase do Ensino Fundamental em 2015, fui transferida para uma outra escola por um motivo que me incomodou muito na época. A professora que assumiu as aulas de Língua Portuguesa tinha uma maneira muito própria de ensinar, que não considerava todos os alunos, e apesar de já ter conquistado a nota média necessária para avançar para o Ensino Médio, havia uma outra média que indicaria os alunos que poderiam cursar o próximo ano na mesma escola. Para o desempenho escolar, que mais pesa na nota, do último bimestre, não alcancei a nota que almejava, apesar de muita dedicação nos estudos e desempenho na avaliação. Ao questionar a nota que me foi atribuída, a professora alegou que, apesar de todas as minhas respostas estarem corretas e bem apresentadas, não escrevi as palavras chave que ela

julgava necessário estarem presentes para comprovar as aprendizagens. Suas ações geraram diversas reflexões que, juntamente com os assuntos e teorias abordadas durante a formação no curso de Pedagogia, me levaram a entender que, na verdade, foi uma injustiça.

Como pode uma professora julgar a aprendizagem de um aluno comparando apenas com seus parâmetros pessoais? Então quer dizer que algumas palavras diferentes das “esperadas” alteram completamente os conhecimentos de um aluno? As outras atividades avaliativas do semestre podem ser desconsideradas de acordo com a vontade do professor? A atitude dessa professora me mostrou que ela desconsiderava a diversidade de pensamento de seus alunos, além de forçar a ideia de que as notas são fundamentadas às vontades e valores dos professores. Como a nota dessa professora pesou na minha média final, foi na escola estadual chamada E.E. Prof. Mário Cardoso Franco, que cursei o primeiro e metade do segundo ano do Ensino Médio, última fase da Educação Básica.

Apesar de certa apreensão por estar em uma escola nova, as boas experiências foram surpreendentes. A metodologia, a atenção, as críticas construtivas e a dedicação dos professores incentivavam a turma a se esforçar mais pela própria educação. Enquanto relembrava destes momentos para a produção deste Memorial, decidi convidar alguns professores para contribuir com algumas de suas memórias sobre nossos momentos valiosos:

Como não lembrar dessa aluna tão querida? Sempre foi uma aluna aplicada, gostava de estudar, sempre correspondia às expectativas, criadas por mim, para o desenvolvimento integral do educando em suas competências e habilidades. Mariah sempre foi essa aluna, que ultrapassa essa expectativa. Sua participação nas aulas do projeto de espanhol, oferecido pelo governo, sempre foram magníficas. Como não lembrar das festas de Halloween que a escola promovia e nós íamos todos fantasiados? Mariah sempre presente em todas essas. Uma aluna e pessoa maravilhosa!

Professora Lilian Migoto

Uma aluna dedicada e sempre atenciosa nas aulas, tirava dúvidas quando precisava, Mariah era uma excelente aluna. Na sala de aula, sentava-se com sua turminha de amigos, a qual ela era mais ligada, porém sempre demonstrou se dar bem com todos da sala. Uma menina meiga e doce, um tipo de aluna inesquecível para um professor e principalmente daquelas alunas que nos faz sentir orgulho da nossa profissão.

Professora Michele Bueno

As professoras acima foram, respectivamente, minhas professoras de Espanhol e Matemática. Com as aulas da Professora Lilian eu aprendi como é possível envolver a arte em outras matérias, ela sempre apresentava uma música para que traduzíssemos juntos e depois cantássemos. No início, nós, os alunos, ficávamos constrangidos ao cantar abertamente na frente um dos outros, mas a desenvoltura dessa professora nos envolveu e nos transportou a um ambiente amigável e confiável.

A Professora Michele, posso dizer que ela conduziu uma mudança paradigmática na maioria de seus alunos. Na época ela estava grávida de seu primeiro filho, então era normal que ficasse cansada em alguns momentos, mas a energia que ela emanava era contagiante. Sempre dando um “bom dia” alegre, perguntando sobre como a turma estava naquela manhã, ensinando fórmulas através de música, nos levando ao laboratório de informática para acessar o site que ela criou para suas aulas e resolver desafios. Não posso acreditar na sorte de ter tido exemplos tão bons, que mesmo depois de quase 5 anos ainda se lembraram de mim e aceitaram meu convite para participar desde memorial.

Inesperadamente, em maio de 2017, a escola Ezequiel entrou em contato para que eu retornasse e finalizasse o Ensino Médio. Fiquei muito surpresa e confusa e, por ter adorado estudar em ambas as escolas, foi difícil tomar uma decisão. Depois de considerar por uma semana, pois era uma decisão importante, resolvi que voltaria, o que significou que novamente estava em uma situação desconfortável por ser a aluna nova da sala no meio do ano letivo e em período de provas e voltei a me sentir insegura e intimidada. Me senti deslocada e atrasada. Em meu primeiro dia o professor de Química já estava dando orientações para um trabalho de avaliação complexo. Felizmente, depois de alguns dias, uma colega, A Kathleen dos Santos Toccaceli, me atualizou sobre os conteúdos e prazos de entrega das avaliações, iniciando assim uma amizade presente até hoje em minha vida. Com todas aquelas mudanças, o segundo semestre do ano foi turbulento e assustador, ainda mais por ser a promessa de que no ano seguinte seria o último escolar obrigatório.

Parecia que 2017 havia preparado mais algumas surpresas para mim, pois apenas uma semana depois que iniciei minhas aulas no Ezequiel, a organização Guarda Mirim de Taubaté me ligou perguntando se eu tinha interesse e disponibilidade para levar os documentos solicitados na tarde seguinte. Apenas de ter feito a inscrição no início do ano, não acreditei que

daria tempo de me chamar, mal sabia que aquela ligação mudaria minha vida. Depois de levar a documentação, iniciei os cursos básicos preparatórios (informática, Língua Portuguesa, etc.).

Meses depois, fiz minha primeira entrevista de emprego, que teve um resultado positivo. Mas, na semana seguinte, fui convidada a fazer uma entrevista para vaga de menor aprendiz na empresa General Electric-GE e, felizmente, depois uma redação curta e algumas perguntas, soube que havia passado no processo seletivo.

Estava muito contente e satisfeita comigo mesma, apesar de ansiosa ao saber que ficaria encarregada do trabalho de outros dois “Mirins”, cujos contratos haviam vencidos. A ansiedade desapareceu depois de uma semana ao perceber que, mesmo sendo só uma, era capaz de fazer as tarefas diárias e ainda sobrava tempo de fazer algumas extras. Por 1 ano e 4 meses fiquei responsável por receber, validar, protocolar, assinar e enviar correspondências leves ao correio (que eram basicamente contratos importantes de todos os setores da empresa). Quem me acompanhou de perto nessa jornada foi um querido amigo chamado Iago, com quem costumava almoçar todos os dias e compartilhar tarefas, um apoiava o outro; além de ter uma boa relação com os outros funcionários do setor.

Com essa experiência, posso dizer que desenvolvi um sentido mais responsável e organizado sobre as minhas demandas e a dos colegas, usando da empatia e do respeito em todos os momentos, assim como também impus alguns limites necessários.

Sobre a escolha da minha profissão, mesmo não tendo certeza, sabia desde a infância que tinha paixão por ensinar. Apesar de a brincadeira “escolinha” não ter sido uma das minhas favoritas, gostava de explicar as matérias para meus colegas de turma e ficava muito feliz quando percebia que minha explanação, alternativa à oferecida na escola, atingia sua finalidade de que eles compreendessem os conteúdos e tivessem um bom desempenho nas avaliações, considerando que esse era o *feedback* em que os alunos e familiares mediam seu conhecimento.

Além disso, sofri influência de minha tia-avó, Teresa Rosa de Oliveira, que fez parte da equipe docente da Escola Jardim das Nações por cerca de 20 anos e assumiu a diretoria da Escola Municipal Cecília Matos Pereira de 1995 até 2011, mesmo estando aposentada. Quando criança, minha tia me convidou algumas vezes para visitar a escola, observar como ela lidava com as situações, orientava as professoras e alunos, tratava com os familiares e tinha uma

relação respeitosa e amigável com toda a equipe de funcionários, o que foi mais um impulso para seguir seus passos.

Assim, no final de 2018, aos catorze anos, já havia decidido que seria uma professora, apesar de ainda estar em dúvida em qual curso me matricularia primeiro: Pedagogia ou Letras. Com o Ensino Médio quase concluído e finalizando meu contrato de trabalho, precisava tomar uma decisão logo, o que ocorreu em setembro do mesmo ano. Com o evento “Feira de Profissões”, organizado pela Universidade de Taubaté – UNITAU, tive a oportunidade de estudar os estandes dos diversos cursos da faculdade, mesmo que apenas dois me interessassem. Ao passar pelo espaço de Letras, estava quase convencida de que esse seria o curso que escolheria, até que vi no cronograma que haveria uma palestra do curso de Pedagogia e decidi participar. Fiquei tão encantada com as palavras da Professora Dra. Márcia Pacheco naquele momento que finalmente soube qual seria minha profissão. Em sua palestra “A Educação pode mudar sua vida” ela também nos contou um pouco sobre sua experiência e seus cargos atuais, e pude perceber, pela entonação de suas palavras, que era apaixonada por sua profissão. O grupo que estava presente também ficou estimulado, fizemos o registro do encontro.



Feira de Profissões – Setembro de 2018

## **2.2 Formação Pessoal e Educacional – Ensino Superior e Estágio Supervisionado**

Com a decisão em mente, me matriculei no curso de Pedagogia da Universidade de Taubaté – UNITAU. No dia 14 de fevereiro de 2019 entrei pela primeira vez na faculdade e estava um pouco temerosa e ansiosa. A visão do edifício fez com que eu me sentisse em meu primeiro dia do Ensino Fundamental-Anos Iniciais: pequena e assustada, quase querendo sair correndo. Percebi que os alunos estavam se juntando no centro para escutar a fala da Profa. Dra. Roseli Albino dos Santos, então diretora do departamento, que discursava sobre o alegre retorno do curso a seu edifício de origem e apresentava brevemente alguns docentes presentes. Todos

pareciam felizes por estar ali e ansiosos por começar suas aulas. Depois de algumas performances artísticas, os alunos foram direcionados às suas salas para ter sua primeira aula. A professora que nos aguardava em sala lecionava a disciplina de Conteúdos e Metodologia da Arte e, com sua permissão, algumas alunas veteranas convidaram a turma para participar do trote dos bichos. Decidi que seria uma experiência única e participei, o que me levou a uma caminhada pelo departamento de mãos dadas com as outras colegas e em postura de elefante; o trajeto nos levou até a calçada, para ter o rosto pintado e o cabelo empanado por farinha de trigo. Com certeza precisava registrar aquele batismo e tirei a foto abaixo:



Foto do Trote – 14 de Fevereiro 2019

Mais cedo, nesse mesmo dia, iniciei também ao período de estágio da Escola Jardim das Nações (JDN). Em minha estreia na sala de aula como figura mediadora da aprendizagem, tive a sorte de estagiar por oito meses na turma da professora Vânia Rocha, que me recebeu e ensinou muito sobre a Pedagogia na prática. Suas orientações sobre entonação e postura corporal ao orientar uma criança bem pequena, o papel fundamental de uma relação de confiança entre um professor e seus alunos, os benefícios imediatos e futuros de educação autônoma para os alunos, entre outros assuntos, acompanharão minha carreira a todo momento e por isso lhe sou muito grata. Assim como suas orientações sobre como mediar os conflitos entre as crianças e, quando necessário, intervir ou até mesmo quando é o caso de mobilizar a equipe gestora escolar.

São as experiências de estágio que permitem o contato dos acadêmicos com o aluno, ser humano que é a razão do trabalho do professor. Não obstante, o estágio permite explorar situações teóricas e práticas, que envolvem a

interação, o respeito e os vínculos estabelecidos na relação entre professor e aluno (BARBOSA, 2009, p. 91).

Voltando à faculdade, no primeiro semestre, as aulas da Professora Lídia Amalia Cardamoni dos Santos despertaram meu interesse pela graduação em Educação Física, uma vez que sua disciplina era Conteúdos e Metodologia do Ensino da Educação Física. Tanto nas aulas práticas (com jogos, brincadeiras e danças, que aconteciam em outro campus) quanto nas teóricas, aprendi que a educação na qual participei como aluna estava obsoleta. Mesmo sabendo que a Educação Física ofertada pela rede pública precisava ser revista e adaptada, não fazia ideia das diversas facetas que ela pode tomar e como pode ser benéfica.

O desenvolvimento motor dos alunos, em todas as idades, precisa ser estudado, observado, analisado e evolutivo e não se resume apenas às brincadeiras livres. Mesmo que esses momentos sejam essenciais, as habilidades motoras infantis exigem mais espaço de atenção na educação, lembrando que seu progresso ou retrocesso (estagnação) influenciam diretamente no seu avanço integral. A desvalorização dessa área da educação é histórica, mas, como afirmam Magalhães, Kobal e Godoy (2007):

A Educação Física Escolar começa pouco a pouco a ser encarada como uma disciplina obrigatória, valorizada pelos professores de outras áreas e pais de alunos, embora ainda o que vemos é a importância ficar apenas na teoria e não ser realmente aplicada à prática. Entretanto, iniciou-se o processo de valorização (MAGALHÃES; KOBAL; GODOY (2007, p. 47):

No segundo semestre, a disciplina que mais chamou minha atenção foi Educação Inclusiva e Libras. A Professora Esp. Sandra Aparecida Vitoriano despertou um interesse genuíno sobre como se dá a educação de pessoas surdas ou com deficiência auditiva em escolas regulares. A presença de dois colegas surdos no curso e a participação de um amigo surdo de uma das colegas de turma esclareceu que o governo acompanha seus estudos através de intérpretes e outros apoios, mas que a maioria das escolas brasileiras não tem tido êxito em garantir uma educação qualitativamente satisfatória.

Por motivos econômicos, ao final do ano, precisei continuar meu estágio em outra escola, o que me deixou triste, pois sentia que as experiências e orientações que recebi enriqueceram muita minha formação. Mas, por incompatibilidade ideológica, não foi possível

dar continuação nesta outra escola, apesar de ter conhecido novos colegas e alunos por quem mantenho muito carinho. Então, no início do ano letivo de 2020, retornei à Escola Jardim das Nações. Dessa vez, acompanhei as aulas de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental e, mesmo adorando ter a oportunidade de comparar a fala, os pensamentos, as atitudes e os aprendizados dos alunos de seis anos com os de três, essa experiência durou menos de dois meses, pois a pandemia da COVID-19 manifestou-se.

Causada pelo vírus SARS-Cov-2, essa doença levou à morte de quase seis milhões de pessoas em âmbito global; no Brasil esse número, até a presente data, já atingiu cerca de seiscentos e trinta mil da população nacional. Diante disso, o país entrou em estado de quarentena e a população em pânico. O isolamento foi a opção mais segura num primeiro momento, pelo menos até que as vacinas fossem desenvolvidas, afetando a estrutura da sociedade em diversos aspectos. As escolas e instituições de educação não foram exceção e ficaram fechadas neste período.

O curso presencial de Pedagogia da UNITAU foi adaptado para que pudesse continuar, na modalidade remota, assim como muitas escolas fizeram. Apesar de ser um obstáculo a mais, era a opção mais segura de continuar. Para obter uma renda, em julho de 2020, comecei a dar aulas particulares para uma aluna que me conheceu durante o estágio. Foi um grande desafio assumir essa responsabilidade ainda no segundo ano de graduação e em plena pandemia, mas, com o apoio da família e orientação dos professores da faculdade, segui com as aulas até o retorno das aulas escolares. Esse trabalho me proporcionou descobrir minha postura como professora e observar, de perto, as teorias e conhecimentos que aprendi na faculdade se concretizando naquela aluna. Por razões financeiras, assumi outras duas alunas, que estavam em fases distintas de alfabetização e letramento e foi muito valoroso pesquisar mais sobre conteúdos e preparar atividades que contribuíssem significativamente para sua aprendizagem.

Em setembro, com todas as medidas de segurança, os alunos puderam retornar à escola, mas, desta vez, com rodízios e as turmas, divididas em dois ou três grupos, se revezaram e transitaram entre as aulas online e as presenciais. Nesse momento, os estágios puderam ser retomados. Todos estavam em desequilíbrio e temerosos, mas foi justamente pelo desconforto que se esforçaram para manter a qualidade da educação dos alunos. No meu caso, havia mais um desafio, atuar como tutora de uma aluna de cinco anos com microcefalia. No começo, fiquei

assustada em assumir tamanha responsabilidade, considerando que a aluna não conseguia usar máscara e demandava acompanhamento contínuo. Foi nesses preciosos momentos que relembrei meu interesse na educação de pessoas surdas e com deficiência auditiva e percebi que, na verdade, estava entusiasmada para estudar e pesquisar sobre Educação Inclusiva. Com o fim do ano letivo também veio o término de minha experiência como tutora e o início de uma nova promessa de formação.

O ano seguinte, 2021, prometia continuar turbulento, mas não imaginei que seria tanto quanto o anterior. Mesmo sendo veterana, por estar cursando os últimos semestres da graduação, não sentia como se fosse um desfecho, mas como muitos inícios. No estágio, ainda na Escola Jardim das Nações, retornei para a turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, onde aprendi muito sobre a relação entre responsabilidade, dever e liderança com a Professora Márcia Lima, pois tive algumas oportunidades de auxiliá-la diretamente em momentos de explicação, revisão e correção de atividades. Ainda no sistema das aulas híbridas, remotas e presenciais, nos readaptamos para que os alunos estivessem seguros.

Chega a ser difícil expressar como as experiências de estágio contribuíram para minha formação como professora. Essa modalidade deveria ser mais explorada, por exemplo, com matérias que possibilitem aos alunos compartilharem suas vivências e construir um ambiente de análise e orientação sobre as situações, permitindo uma formação diversificada.



Leitura Coletiva durante o Período de Estágio – Abril de 2021

Na esfera familiar, em março, aconteceu o divórcio dos meus pais. Ainda que eles não fossem mais casados, minha esperança era que pudessem manter uma boa relação de respeito

por todo passado que construíram juntos, apesar das discordâncias. Foi uma decisão que levou anos para ser tomada, mas acredito que foi a melhor possível para nós três.

Esforçando-me para aproveitar os momentos do estágio, os meses seguintes passaram rápido, de modo que já era dia vinte e cinco de maio de novo e comemorava meu vigésimo aniversário, mas não sem passar pela perda de meu avô paterno. Devido ao avanço e inconstância da sua taxa diabética, ele não resistiu depois de ser internado por uma semana. Infelizmente este não foi o único episódio envolvendo algum membro da minha família nesses tempos difíceis

Todo esse período turbulento ocasionou certa distração das aulas da faculdade, mas com dedicação e apoio de minhas colegas de turma pude me reestabelecer. Nos últimos semestres da graduação, a Profa. Dra. Maria Teresa de Moura Ribeiro proporcionou conhecimentos e práticas em sua disciplina Conteúdos e Metodologias do Ensino da Matemática, aprendi sobre os fundamentos da Matemática, entendimento e resolução de contas e adaptação. Em muitas vezes, ela defendeu a importância de se ensinar aos alunos os porquês e motivos do raciocínio lógico-matemático, pois apenas apresentar e memorizar as tabuadas ou fórmulas são insuficientes para uma aprendizagem de qualidade, considerando que a maioria de meus colegas de turma apresentaram suas experiências e insatisfações escolares. Muitas vezes essa professora citou a importância de um ambiente lúdico com jogos e brincadeiras que facilitassem a aprendizagem. Souza e Santos (2020) apoiam esse posicionamento:

Desse modo, os jogos e as brincadeiras podem ser utilizados como instrumento facilitador da aprendizagem, salientando que o professor exercerá o papel de mediador do conhecimento e fará intervenções sempre que necessário tornando os educandos protagonistas de sua aprendizagem (SOUZA E SANTOS, 2020, p. 2).

### **2.3 Meu Interesse pela Educação Especial**

Apesar de ter tido contato com apenas duas colegas, ambas com deficiência física, descobri durante a formação e o período de estágio que há falhas na educação especial regular do Brasil. Meu interesse específico é em como se dá a educação dos alunos surdos com a finalidade de prepará-los para uma vida plena na sociedade. Em relação às políticas que regem esse processo, Lodi (2013) apresenta as diferenças entre as propostas do Decreto 5626/05 e a

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) para a formação e desenvolvimento dos alunos surdos no ambiente escolar.

Em seu texto, ela explica que a Política tem seus princípios baseados na democracia, portanto defende a matrícula de todos os alunos e apoia a Educação Inclusiva na rede pública, que precisa ser reestruturada para recebê-los. Na falta dessa preparação na sala de aula comum, indica que esses alunos frequentem as classes especiais ou instituições especializadas.

Criada para valorizar a inclusão, seus objetivos e diretrizes são voltados para alcançar a inclusão da diversidade. Lodi (2013) também deixa claro que percebeu na Política certo descaso em esclarecer alguns pontos do ambiente didático: não define o papel da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como ela deve ser ensinada ou como o professor deve trabalhá-la nas salas inclusivas, além de sobrecarregar os intérpretes que acabam responsáveis pelo uso da LIBRAS, tratando-a como um mero instrumento. Também não esclarece como a formação do professor deve estar organizada para que possa garantir o conhecimento necessário para atuar. A autora reforça que a visão de inclusão presente na Política defende que os alunos “especiais” devem se adaptar ao ambiente escolar e que sua presença beneficia os outros alunos a aprender e se acostumar com as diferenças que há na sociedade de que participam.

Por outro lado, sua pesquisa sobre o Decreto n° 5626/05 mostrou que esse documento respeita e escuta a comunidade surda, pois os surdos não tinham lugar de fala em ambientes comuns, por isso sentiram a necessidade de ter uma comunidade onde pudessem se comunicar em sua língua. Mesmo com as várias barreiras, o decreto procura transpor a concepção de que a Educação Especial para alunos surdos é similar à regular e propõe a Educação Bilíngue trazendo destaque para o ensino de LIBRAS na escola ou na formação de professores. Ele reorganizou o ensino escolar e reconheceu que os objetivos, planejamentos e ações docentes se diferem entre a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental dos Anos Finais, Ensino Médio e Ensino Superior. Há uma ressignificação da palavra “bilíngue”, voltada a garantir a participação dos surdos em todos os ambientes sociais, assim a LIBRAS se torna a primeira língua e a Língua Portuguesa a segunda, apenas para escrita. Esta obra esclarece as diferentes concepções destes dois documentos principais, trazendo seus benefícios e falhas, mostrando que, mesmo não sendo um caminho fácil, ele deve ser perseguido e melhorado

sempre que possível, pois todos têm o direito de participar e contribuir para a sociedade, o que somente poderá acontecer se puderem se comunicar e ter a mesma educação (LODI, 2013)

Alvez, Ferreira e Damásio (2010) trazem algumas abordagens da educação escolar de pessoas surdas e o Atendimento Educacional Especializado (AEE), destacando três referentes à história da educação dos surdos: oralismo (ensino da leitura labial e fala), comunicação total (busca recursos para que haja comunicação) e bilinguismo (envolve a LIBRAS e a Língua Portuguesa no ambiente didático). Depois de anos de transição de uma para outra, atualmente a maioria dos pesquisadores da área defendem a presença do bilinguismo nas escolas, considerando que as outras duas opções foram ineficazes em promover um ensino completo, de valor e que contribua para a vida em sociedade, onde os cidadãos surdos não se sintam como estrangeiros em seu próprio país. Os autores defendem que o AEE não pode substituir as aulas comuns, mas também são importantes.

Os professores dos dois ambientes devem estar sincronizados sobre a evolução dos alunos, assim como a sala de AEE deve acompanhar os conteúdos que são trabalhados na sala comum para que ambos possam estar preparados para mediar esse aprendizado. Nesse sentido, os alunos aprendem em LIBRAS (revisão de pontos importantes trabalhados na sala comum, que podem ter ficado com lacunas), sobre LIBRAS (como todas as línguas, a LIBRAS é estruturada e precisa de dedicação e tempo para que possa ser aprendida) e sobre Língua Portuguesa (assim como no ensino de LIBRAS, os alunos devem aprender a sobre organização dessa língua na modalidade escrita, como está previsto na Lei nº 10.436/02). O ensino de LIBRAS deve ser completo e contínuo incluindo seu alfabeto, configuração de mãos, movimento e direção e expressão corporal e facial.

Os autores supracitados nesta parte, juntamente às que foram apresentadas durante as aulas de Educação Inclusiva e Libras na graduação, as situações e momentos que presenciei durante o período de estágio, as orientações dos gestores e professores e os dois colegas surdos que iniciaram sua graduação na Pedagogia no ano anterior à mim, me mostraram que ainda há falhas na educação especial regular. As duas colegas cadeirantes que conheci durante o Ensino Médio confienciaram que a escola fez seu melhor para incluí-las nas aulas no ambiente de ensino-aprendizagem, mas sentem que falta orientação aos demais colegas. Por esses motivos pretendo pesquisar mais e procurar promover uma educação melhor para qualquer aluno com

deficiência, transtornos, altas habilidades ou superdotação, não apenas garantindo possibilidades, acolhimento e dedicação na minha sala de aula, mas expandindo essa visão para outros colegas, para a unidade escolar e para outros segmentos.

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao me matricular no curso de Pedagogia era apenas uma menina que tinha o sonho de se tornar professora e contribuir para a educação de seus alunos. Os três anos que passei estudando a Pedagogia e suas diversas manifestações no meio social convenceram-me de que esta é uma profissão extremamente complexa que demanda dedicação, resiliência, formação contínua, empatia, adaptabilidade e uma certa ousadia para transpor os desafios.

Apesar de ser um trabalho árduo e multifacetado, um (a) pedagogo(a) se sente orgulhoso e exultante ao perceber que o aluno que estava aprendendo a ler palavras no início do ano já é capaz de ler um parágrafo ao final do ano letivo ou que seus alunos de três anos já estão reconhecendo o próprio nome, ou seja, quando seus esforços vingam.

No decorrer da preparação deste Memorial, pude refletir sobre os momentos do passado, os acontecimentos do presente e as expectativas para o futuro. Sendo como professora, orientadora educacional, coordenadora pedagógica, gestora escolar ou atuando em ambientes não escolares, me sinto preparada para lidar com as adversidades e dar início a esta nova fase de minha vida, como uma educadora e como Pedagoga.

## REFERÊNCIAS

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. Abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 27p.

BARBOSA, Angela Maria. **Dimensão humana da formação docente**: um estudo a partir de documentos de curso de licenciatura e da opinião de coordenadores, professores e alunos Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2009.

DEMO, Pedro. **Teoria e prática da avaliação qualitativa**. Temas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação. Curitiba, Paraná, 2004. p. 156-166.

DECRETO nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais – Libras**, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 12/01/2022

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2016, v. 97, n. 247 [Acessado 21 Janeiro 2022] , pp. 534-551. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>. ISSN 2176-6681.

HADJI, Charles. **A Avaliação desmitificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001

LEI nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 12/01/2022.

LEI nº 12.796, de 4 de abril de 2013 (2013, 5 de abril). Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as **diretrizes e bases da educação nacional**, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Diário Oficial da União, seção 1

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05**. Educação e Pesquisa [online]. 2013, v. 39, n. 1 [Acessado 12 Janeiro 2022] , pp. 49-63. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100004>. Epub 19 Mar 2013. ISSN 1678-4634.

MAGALHÃES, Joana S.; KOBAL, Marília Corrêa; GODOY, Regiane Peron de. **Educação Física na Educação Infantil: Uma parceria necessária.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, Campinas/SP, v. 6, n. 3, p. 43-52, out. 2007.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 12/01/2022

SILVA, Myria Juscilania Maraco *et al.* **Desenvolvimento empático na infância: intervenção educacional contra o preconceito racial.** Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/36425>. Acesso em: 15/01/2022

SOUSA, Karina Faustino de; SANTOS, Edilene Barbosa. A ludicidade no ensino da matemática na educação infantil. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/67760>. Acesso em: 15/01/2022.

TEODORO, Isabela Andrade Viana; ARAÚJO, Vitor Sávio de. **O bilinguismo no processo de aquisição da linguagem nos anos iniciais e seus benefícios.** Revista Anhanguera, Goiânia v.20, n. 1, jan./dez. p. 13-27, 2019. Disponível em: <https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/02obilinguismonoprocessodeaquisio20201327.pdf>. Acesso em 12 jan. 2022.

VYGOTSKY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.